



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA-UNAGEO
PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

LUANDERSON MENDES DE ALMEIDA

**CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO: UMA PROPOSTA DE LEITURA
GEOGRÁFICA PARA O ENSINO MÉDIO**

CAJAZEIRAS - PB

2023

LUANDERSON MENDES DE ALMEIDA

**CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO: UMA PROPOSTA DE LEITURA
GEOGRÁFICA PARA O ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de pós-graduado em Formação Docente Para a Educação Básica apresentado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB.

Orientadora: Profa: Dra. Hercília Maria Fernandes.

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

A447c Almeida, Luanderson Mendes de.
Capitães da Areia, de Jorge Amado: uma proposta de leitura geográfica para o ensino médio / Luanderson Mendes de Almeida. – Cajazeiras, 2023.
29f. : il. Color
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hercília Maria Fernandes.
Artigo Monográfico (Especialização em Formação Docente- Educação Básica) UFCG/CFP, 2023.

1. Geografia e literatura. 2. Letramento geográfico. 3. Geografia - Ensino médio. 4. Interdisciplinaridade. 5. Capitães de Areia - Proposta de leitura. I. Fernandes, Hercília Maria. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 91:82

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

LUANDERSON MENDES DE ALMEIDA

**CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO: UMA PROPOSTA DE LEITURA
GEOGRÁFICA PARA O ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de pós-graduado em Formação Docente Para a Educação Básica apresentado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras-PB.

Orientadora: Profa: Dra. Hercília Maria Fernandes.

Aprovado em: 04/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Hercília Maria Fernandes

Prof. Dra. Hercília Maria Fernandes

(ORIENTADORA - CFP/UFCG)

Edinaura Almeida de Araujo

Prof. Dra. Edinaura Almeida de Araujo

(CFP/UFCG)

Documento assinado digitalmente

gov.br

SUZI ALVES MONTIEL

Data: 05/12/2023 08:31:57-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Suzi Alves Montiel

(CFP/UFCG)

CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO: UMA PROPOSTA DE LEITURA GEOGRÁFICA PARA O ENSINO MÉDIO

Luanderson Mendes de Almeida¹

Hercília Maria Fernandes²

RESUMO

Este estudo aborda questões relacionadas ao ensino da geografia a partir da perspectiva interdisciplinar com a literatura. O objetivo do artigo consiste em analisar a importância do letramento geográfico por meio do exame do romance regionalista *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, concentrando-se na compreensão crítica do espaço e nas múltiplas relações estabelecidas com os sujeitos humanos. Para tal feito, trabalhamos com a obra “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, e os conceitos de espaço, paisagem, território e lugar, de maneira a considerar a articulação entre dois campos que se complementam, podendo, dessa forma, a geografia investigar e se beneficiar das realidades representadas nos textos literários. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo qualitativo de abordagem descritiva e analítica, por via da pesquisa bibliográfica, apoiada, principalmente, em autores como Freire (1970, 1981); Santos (1988, 1996); Cavalcanti (2002); Silva (2016), entre outros. Assim, abordar as categorias de análise por meio da ficção viabiliza um letramento geográfico significativo, permitindo ao aluno estabelecer relações, criar associações e compreender o seu espaço de vivência.

Palavras-Chave: Letramento Geográfico; Interdisciplinaridade; Geografia e Literatura.

INTRODUÇÃO

Compreende-se que a Geografia, enquanto componente curricular da Educação Básica, desempenha um papel preponderante na formação humanizada dos indivíduos. Essa formação refere-se a um processo educacional que visa ampliar o desenvolvimento integral dos alunos, indo além da simples transmissão de conhecimentos técnicos, como em outrora acreditava-se ser o objetivo principal da educação.

Sob os fundamentos do sistema de produção capitalista, o processo de ensino e aprendizagem acabou por se fixar em propostas pedagógicas insuficientes. O processo de ruptura de uma educação desvinculada a essa ideologia se dá de modo gradativo.

Se tratando do ensino brasileiro, percebe-se os constantes esforços para o fim, por definitivo, de um ensino acrítico. Como efeito, vários elementos do sistema educacional vêm sendo avaliados ao longo do tempo, buscando minimizar os efeitos de uma educação ineficiente e de baixo rendimento, em seu sentido qualitativo.

¹ Pós-graduando do Programa de Pós-graduação em Formação Docente para a Educação Básica da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, Centro de Formação de Professores (CFP). luanderson1956@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-graduação em Formação Docente para a Educação Básica da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, Centro de Formação de Professores (CFP). fernandeshercilia@hotmail.com

Dentre esses elementos, destacam-se os recursos metodológicos. A inovação das práticas educativas ou a resignificação das formas de mediação, na atualidade, conduz a uma prática que possibilite a participação ativa do educando na construção dos saberes. Dessa forma, analisando a eficácia dos recursos comumente utilizados em sala de aula e priorizando os que garantam um ensino que vá de encontro com os objetivos das disciplinas.

No que se refere às atribuições da Geografia Escolar, destacam-se: Analisar o espaço geográfico enquanto produto histórico resultante da relação entre Sociedade e Natureza; possibilitar o letramento geográfico, mediante a consolidação das categorias de análise do Espaço - Paisagem, Território e Lugar; garantir uma formação significativa e libertária.

Percebe-se, todavia, que há uma demanda que exige da disciplina um aprofundamento das análises de tais conceitos, ao mesmo tempo, a necessidade de integrar os estudantes de modo mais efetivo/participativo na conceituação das categorias geográficas.

Dessa forma, a pesquisa objetivou analisar a importância do letramento geográfico apoiado em um ensino interdisciplinar entre os campos da Geografia e da Literatura, por meio do exame do romance regionalista *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, concentrando-se na compreensão crítica do espaço e nas múltiplas relações estabelecidas com os sujeitos humanos. Bem como responder à questão: em que medida a leitura da “palavra”, isto é, a interpretação da obra *Capitães da Areia* (CA), enquanto proposta de ensino para as aulas de geografia, pode estimular o raciocínio espacial dos alunos?

A literatura é um instrumento de reflexão e comunicação, tornando-se uma fonte de imaginação geográfica para leitura do mundo. Muitos são os cenários que se desenham da realidade, que marcam perspectivas culturais, sociais e econômicas de diferentes momentos da história. Essas narrativas abordam questões que estimulam o aluno a pensar sobre o mundo e refletir sobre o seu contexto de vida. Nesse sentido, a realidade está presente na arte, e por isso poderá ser melhor articulada na Educação básica. Viabilizando um ensino de Geografia amparado por propostas diversas.

Partindo de uma abordagem qualitativa, a investigação se classifica como descritiva e analítica, fundamentando-se na pesquisa bibliográfica, mediante a seleção, leituras e fichamentos de trabalhos acadêmicos. Além da pesquisa documental, tendo como foco a investigação textual da obra já referida.

O artigo está organizado em três seções. Na primeira, “Pensando a aprendizagem do aluno”, apresenta-se uma breve caracterização do ensino médio, como também da importância do letramento geográfico por meio da interdisciplinaridade. Em seguida, “Sobre o romance *Capitães da Areia*”, identifica-se o contexto histórico-literário em que a obra amadiana foi

criada. Por fim, na última seção, “Capitães da Areia: uma proposta de leitura geográfica”, aborda-se uma análise do espaço geográfico, juntamente com seus conceitos-chaves (Paisagem, Território, Lugar) em compasso com recortes textuais que auxiliam na compreensão dos conceitos em foco, além de apresentar uma proposta de abordagem pedagógica.

1 PENSANDO A APRENDIZAGEM DO ALUNO

A difícil tarefa de refletir sobre a educação básica, enquanto espaço de formação do ser humano, e das ações pedagógicas que respaldam o processo de ensino e aprendizagem, constitui como uma das principais etapas do trabalho docente.

Assim, discutir o ensino de Geografia sob o ponto de vista metodológico, analisando as estratégias de ensino e aprofundando, especialmente, em recursos que assegurem um melhor desenvolvimento dos conteúdos geográficos e, conseqüente, no progresso qualitativo relativo à aprendizagem do aluno.

Torna-se necessário compreender os preceitos que regem a educação, quanto às suas finalidades e atributos. À vista disso, entende-se que a educação é o meio pelo qual a sociedade transmite seus princípios e valores de geração para geração. Ela desempenha um papel vital na formação da identidade cultural das sociedades, e é essa que possibilita a sua conservação (Pinto, 2006). Assim sendo,

Cada nova geração nas sociedades ocidentais [...] tem de desenvolver uma atividade sensorial e mental que o permita sentir, compreender, memorizar, relacionar e analisar um emaranhado de conhecimentos produzidos por seus antecedentes. Essa é a fascinante tarefa da educação (Pinto, 2006, p 74-75).

O sistema educacional brasileiro se organiza em diferentes níveis e etapas. Em uma visão geral acerca da estrutura que abrange a educação básica, destaca-se: a Educação Infantil, voltada para crianças de zero a cinco anos; Ensino Fundamental, que se divide em anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano); e, por fim, o Ensino Médio, que será melhor delineado a seguir.

1.1 Ensino médio

Eis a etapa que consagra o fim de um ensino compreendido como básico e que atua como ponte para a inserção dos estudantes na formação superior. Portanto, no Brasil, o ensino médio, concebido como última etapa da Educação Básica, traduz um período crucial na formação do aluno, uma vez que é nele que ocorre a transição e consolidação dos conhecimentos construídos e apreendidos ao longo de todo o ensino fundamental.

Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) delinea os objetivos desse ciclo, visando proporcionar uma educação abrangente e preparatória para a vida cidadã. Conforme preconizado pela LDB, o ensino médio deve promover o desenvolvimento do senso crítico e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos, sociais e culturais que permeiam a sociedade (BRASIL, 1996).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge como um marco norteador para a estrutura curricular do ensino médio, alinhando-se à proposta da LDB. A BNCC, por sua vez, preconiza uma formação ampla e diversificada, pautada na interdisciplinaridade e na contextualização dos conteúdos, visando à formação integral do estudante e sua preparação para o mundo do trabalho e para a participação ativa na sociedade (Brasil, 2018).

Contudo, suas metas são regularmente criticadas. Dentre algumas razões, destaca-se a ênfase excessiva na formação profissional em detrimento de aspectos mais amplos da formação individual dos alunos. Entende-se que, ao priorizar exclusivamente a formação profissional, corre o risco de limitar a capacidade dos alunos de tornarem-se pensadores críticos e cidadãos reflexivos.

É proposto por Umberto Pinto (2006), uma redefinição do propósito da educação básica, que vá além da mera preparação para o mercado de trabalho, estabelecendo a escola como um ambiente de desenvolvimento integral do indivíduo, reconhecendo, ao mesmo tempo, a importância de abordar o tema do trabalho dentro do currículo escolar, visto que representa um dos pilares essenciais da existência humana.

O autor ainda acrescenta que “[...] a escola deve-se aprender pelo trabalho e não somente para o trabalho” (Pinto, 2006, p. 74). Estabelecendo, desse modo, uma educação equilibrada, que abranja a formação profissional sem negligenciar o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

Além disso, a BNCC reforça a importância da promoção do protagonismo juvenil, mediante o desenvolvimento de habilidades como a capacidade de argumentação e o pensamento crítico, bem como o estímulo ao trabalho em equipe e à resolução colaborativa de problemas (Brasil, 2018).

No âmbito dessas competências, é fundamental que o ensino de Geografia promova uma abordagem crítica e reflexiva sobre os desafios do mundo contemporâneo, levando em consideração as particularidades locais, regionais e globais. Os alunos devem ser incentivados a analisar e compreender as transformações do espaço, as desigualdades sociais, bem como as suas relações socioespaciais. Logo, o ensino de Geografia no Ensino Médio deve estar centrado no desenvolvimento integral dos estudantes, capacitando-os para compreender e intervir no

mundo em que vivem, assim, contribuindo para o estabelecimento de uma cidadania ativa e consciente.

O compromisso assumido pela Geografia Escolar, de uma formação que busca o desenvolvimento crítico e engajado do estudante, põe à luz o comprometimento social, que é de extrema necessidade, frente às problemáticas das diferentes realidades que os cercam. Ainda sobre os propósitos da disciplina, Barbosa (2016) notou, a esse respeito, que:

[...] o ensino de Geografia ao longo dos anos propõe um ensino e uma aprendizagem consubstanciada numa abordagem de ensino humanista, considerando o aluno sujeito histórico, participante da elaboração e reprodução do espaço geográfico onde este habita e estuda, um sujeito com papel ativo, elaborador de conhecimentos, e, por consequência, um aluno consciente, emancipado e autônomo envolvido com as questões sociais (Barbosa, 2016, p.99).

Nesse contexto, o professor de geografia, a partir dos seus saberes docentes e sua formação educacional, desempenha um papel crucial na condução do processo de ensino e aprendizagem. É essencial que o docente esteja atualizado, reflita sobre suas práticas pedagógicas e incorpore metodologias que estimulem o pensamento crítico e a participação ativa dos alunos. Só assim, projetar-se-á um ensino de uma geografia crítica, comprometida e desvinculada de padrões arraigados.

1.2 Letramento geográfico e a interdisciplinaridade entre geografia e literatura

A abordagem pedagógica deve ser pautada, assim como destaca Freire (1970), na emancipação dos sujeitos, promovendo uma educação libertadora. Sob essa perspectiva, o letramento se configura como uma ferramenta de empoderamento, capacitando os indivíduos a participarem ativamente na sociedade.

A educação para a cidadania global se torna um imperativo para o contexto atual da contemporaneidade, onde as atribuições educacionais não se restrinjam ao domínio da leitura e da escrita, mas que contribua para a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento de uma consciência cidadã (Miranda; Bastos, 2019).

Paulo Freire, em seu livro “A importância do ato de ler” (1981), aborda a relação entre leitura, educação e emancipação. O autor argumenta que a leitura não deve ser vista como um ato mecânico de decodificação de palavras, mas como um processo crítico e reflexivo que promova a conscientização e transformação social.

O letramento geográfico, enquanto processo para o desenvolvimento da compreensão espacial, emerge como um elemento fundamental na formação dos alunos. No que diz respeito

à capacidade de ler: “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (Freire, 1989, p. 13). Assim sendo, partindo da percepção da realidade em que vive, o indivíduo, sob o arcabouço proveniente de uma educação crítica, torna-se capaz de produzir leituras aprofundadas dos diferentes cenários e contextos provenientes da relação que se estabelece entre o ser humano e o espaço.

A partir desses anseios, a atuação do professor de geografia deve focalizar-se nas metodologias de abordagem de conceitos como: espaço, paisagem, território e lugar – visando assim, estimular de maneira apropriada o desenvolvimento do raciocínio espacial dos alunos. O letramento geográfico assume, conseqüentemente, um papel de destaque no contexto educacional.

Segundo Cavalcanti (2002), o letramento geográfico vai além da mera alfabetização, abrangendo a capacidade de interpretar e utilizar criticamente os discursos e representações espaciais. Nessa perspectiva, a geografia escolar se constitui como elemento chave, que estimula os indivíduos a entenderem e agirem no mundo de forma consciente e crítica.

A compreensão e interpretação do espaço geográfico são fundamentais para uma participação ativa na sociedade. Conforme discutido por Pontuschika *et al.* (2009), o letramento geográfico habilita os indivíduos a decifrar as complexas relações entre sociedade e espaço, proporcionando uma visão analítica das dinâmicas sociais, econômicas, culturais e ambientais.

Ao considerarmos a abordagem dos conceitos mencionados, confirmamos que a interdisciplinaridade, que se estabelece entre a Geografia (ciência) e a Literatura (arte), viabiliza o tratamento dos conceitos científicos nas mais diferentes obras literárias. A interdisciplinaridade contribui para uma compreensão mais abrangente do espaço geográfico, favorecendo não apenas na habilidade de leitura, mas também na contextualização dos fenômenos socioespaciais.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam que:

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço (Brasil, 1998, p.33).

A linguagem literária transporta diferentes contextos do mundo, sejam eles cotidianos aos alunos ou não. Esse direcionamento a outras circunstâncias, mesmo que ficcionais, possibilita a associação à sua vivência; a verossimilhança possibilita aos educandos a interação com lugares e situações que jamais poderiam ser experimentados pelos mesmos.

A literatura, assim como destacam Welles e Wareen (2003), permite criar associações que ajudam os indivíduos no esclarecimento de situações inerentes ao seu contexto de vida, sejam elas boas ou de descontentamento. O ponto de destaque é que a literatura colabora para a formação cidadã. Por meio de suas narrativas existe a possibilidade de intervenção nas questões sociais ou políticas do espaço de vivência dos educandos (Welles; Wareen, 2003).

Em seus estudos, Pontuschika *et al.* (2009) apontam que a interdisciplinaridade, tendo como foco a literatura, oferece oportunidades de práticas que merecem uma exploração mais aprofundada na educação. Os autores ainda apontam para os conflitos enfrentados pelos profissionais da educação, quanto às suas funções:

Cabe ao professor de qualquer disciplina motivar o aluno a encarar os estudos como uma tarefa significativa e interessante. Se o aluno apresenta dificuldades em ler, analisar e redigir textos, é importante a orientação docente. O argumento comumente utilizado de que - não somos professores de Língua Portuguesa não se justifica. Em qualquer disciplina, também em Geografia, é possível orientar os alunos para a melhor maneira de estudar um texto, desenvolvendo a capacidade de lidar com essa forma de comunicação e ampliando a possibilidade de compreender a realidade social com maior profundidade (Pontuschika *et al.*, p. 227).

Ou seja, o posicionamento e a atuação do professor ditam a forma como o caminho metodológico será traçado, cabendo atribuir sentido ao que está sendo introduzido - a leitura proposta - assim como incluir o aluno nas atividades, no sentido de levar em consideração as suas opiniões e indicações, valorizando sempre o diálogo.

Ademais, a união entre Geografia e Literatura apresenta-se como uma ferramenta promissora para enriquecimento no processo do letramento geográfico, proporcionando uma vivência mais imersiva e dinâmica dos conteúdos. A interdisciplinaridade, aqui proposta, permite a integração de saberes, buscando introduzir uma metodologia que diversifique o ensino e que favoreça a aprendizagem.

Na seção subsequente deste trabalho, incorporamos o contexto histórico e literário em que a obra *Capitães da Areia* (1937) de Jorge Amado, foi elaborada, sublinhando elementos que influenciaram na construção deste romance.

2 SOBRE O ROMANCE CAPITÃES DA AREIA

As produções literárias carregam em si as marcas e expressões do contexto em que foram criadas, tornando-as, assim, testemunhos atemporais. Planejar e construir uma análise literária, de uma obra em específico, vai de encontro ao processo de identificação de elementos e/ou aspectos sociais, políticos e econômicos, bem como as crenças e tradições que espelham

um determinado período. Tratando-se não apenas de documentos históricos, mas simultaneamente como meios de comunicação.

A respeito da obra investigada, podemos descrevê-la da seguinte maneira: Em uma odisseia idealizada por Jorge Amado, *Capitães da Areia* muito diverge e aproxima dos relatos épicos de Homero. Enquanto o herói da *Odisseia* - Odisseu - defronta-se com diferentes criaturas que somente a mitologia grega poderia conceber, na obra amadiana, tal qual essa circunstância, os meninos de rua enfrentam e lutam, ao longo de suas trajetórias, a pobreza e a exclusão social, “monstros” esses mais próximos da dura realidade da vida.

Dessa forma, o encadeamento das narrativas revela realidades. Inspirado em uma problemática de evidência à época - o alto índice de crianças abandonadas -, Jorge Amado cria sua ficção, construindo uma literatura engajada, à medida que ascende as crianças de rua ao protagonismo ao invés de enxergá-las como socialmente marginalizadas.

2.1 Capitães da areia: contexto histórico e literário

Em seu contexto histórico e literário, *Capitães da Areia* torna-se reflexo de um Brasil politicamente fragilizado e culturalmente esperançoso, em razão da busca pela construção de uma identidade nacional, por meio da consolidação de uma literatura regional.

Publicado em novembro de 1937, o romance enfrentou censuras do então período ditatorial, o Estado Novo (1937-1945). De acordo com Jambeiro *et al.*, (2004), Getúlio Vargas rompe com a ordem jurídico-política estabelecida pela constituição de 1934, utilizando dentre muitas justificativas, as supostas ameaças comunistas.

A difusão dos ideais comunistas aconteceu mediante a “[...] consolidação do stalinismo na União Soviética [...] em oposição ao nazifascismo, na Europa” (Jambeiro *et al.*, 2004, p. 88), gerando um clima de tensões em escala mundial.

No Brasil, a disseminação do comunismo resultou não apenas na polarização política, mas na perseguição dos membros e pessoas ligadas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Jorge Amado, não obstante, sofreu com a repressão do Estado Novo, tornando-se uma “ameaça” principalmente por estar filiado ao PCB e por produzir uma literatura que se enquadra no neorealismo. Essa, abordando temas como: greves, revolução e consciência de classe, como é o caso de *Capitães da Areia*.

O livro em questão se destaca por seu engajamento político-literário baseado na ideologia de esquerda do autor, ao retratar a vida de um grupo de meninos órfãos e marginalizados que vivem nas ruas de Salvador, na Bahia, e suas lutas para sobreviver em condições de abandono.

Desse modo, Bosi (1994, p.386) enfatiza que: “Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza”.

A abordagem crítica de Amado, com enfoque nos menos privilegiados - preocupação comum entre os escritores associados ao comunista à época-, foi diretamente censurada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o qual era responsável pela filtragem das variadas produções artísticas. Goldstein e Schwarcz (2008, p. 82) acrescentam que:

Em meados dos anos 30, Jorge Amado fez uma longa viagem pelo Brasil, pela América Latina e pelos Estados Unidos, durante a qual escreveu "Capitães da Areia". Ao retornar, foi preso novamente, devido à supressão da liberdade política [...] Em Salvador, mais de mil exemplares de seus livros foram queimados em praça pública pela polícia do regime.

Quanto à estruturação estilística do texto, sua elaboração tem base na corrente modernista. Essa escola literária apresentou como propósito a busca por uma literatura de caráter nacionalista, isto é, obras que imprimissem em sua totalidade, a realidade vivenciada e experimentada por aqueles que constituíam a nação brasileira, rompendo, dessa maneira, com uma literatura do passado. Bosi (1994) afirma que as tensões ideológicas criadas pelo Estado Novo e II Guerra serviram como gatilho para uma conscientização dos artistas brasileiros.

A literatura produzida nessa fase tem como temas “[...] tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (Bosi, 1994, p.306). Logo, o Modernismo torna-se responsável pelo rompimento com o tradicionalismo literário, seus preceitos permitiram que os escritores se arrisquem em experimentações novas, desprendendo-se de protocolos formais e trabalhando em uma literatura regionalista, com foco no social (Nascimento *et al.*, 2019). O regionalismo ecoa a produção de uma literatura crítica, ao passo que inclui particularidades de grupos sociais, linguísticas, caracterização de lugares, arranjos da vida rural e urbana, entre outras.

Isto posto, *Capitães da Areia* a partir desse imaginário moderno, de cunho regionalista, integra o repertório dos romances da chamada “Geração de 30”, que busca representar e descrever o homem da época.

Na próxima seção, alinhamos o objeto de estudo da geografia - espaço geográfico, somada à conceituação das categorias (Paisagem, Território e Lugar) e os aproximando da textualidade de *Capitães da Areia* (1937).

3 CAPITÃES DA AREIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA GEOGRÁFICA

Nesse instante, relacionamos os conceitos da geografia, a literatura, por intermédio da obra já apresentada.

3.1 Diálogo entre o texto literário e as categorias geográficas

Por meio da busca incansável para o estabelecimento do seu objeto de estudo, a Geografia apresenta-se como a ciência responsável em analisar e compreender o Espaço Geográfico, que se apresenta enquanto produto das relações entre Sociedade e Natureza. Para ampliar essa investigação, desenvolveu-se um quadro conceitual, dentre eles destacamos a paisagem, o território e o lugar.

O Espaço Geográfico se apresenta como sendo o conceito-chave, pois, além de ser o mais amplo, é o responsável por derivar os demais. Para Haesbaert (2014 *apud* Funi; Mello, 2016), esses conceitos se relacionam entre si como em uma constelação, na qual o espaço geográfico se apresenta como sendo a estrela principal.

De acordo com Castro, Gomes e Corrêa (2000), esses conceitos possuem forte ligação entre si, devido ao fato em que todos expressam o ser humano como agente modelador da superfície terrestre.

Nessa perspectiva, compreende-se que as ações antrópicas sobre o espaço natural, por meio de práticas presentes no cotidiano das sociedades, produzem um espaço marcado por um forte dinamismo, uma vez que há a interferência humana na natureza, automaticamente se tem a expansão do espaço geográfico.

Milton Santos (1996) atribui a acelerada ampliação do espaço geográfico à lógica de produção, que, por meio das técnicas, os objetos naturais são transformados em tecnológicos, que, por sua vez, modificam e são modificados pelo meio.

Nos estudos espaciais, a **paisagem** representa uma das categorias fundamentais para a compreensão das relações entre o ser humano e o espaço. No entendimento de Santos (1996, p.66), a paisagem é “[...] o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”.

Dessa forma, entende-se que a paisagem é um reflexo das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, tornando-se, dessa forma, resultado da sobreposição de elementos no espaço ao longo do tempo. Acerca desse caráter dinâmico, Lisboa (2007, p.27) destaca que:

A paisagem também se constitui como uma realidade atual construída através do acúmulo de acontecimentos ou eventos passados, uma vez que o que é

observado em uma paisagem da atualidade passou por um processo de constantes mudanças. Esse aspecto pode ser percebido através da observação de fotografias de uma mesma paisagem referentes a períodos diferentes, na qual se pode perceber o que permanece e o que foi sendo alterado, para formar a paisagem atual.

A análise e interpretação da paisagem é um modo de compreender a subjetividade do ambiente, que é carregado de significados e valores (Callai, 2005). Ainda de acordo com Callai, a exploração da paisagem possibilita investigar a história de diversas comunidades, bem como os elementos da natureza e suas respectivas formas de utilização.

A sensibilidade deve estar ligada à análise da paisagem, necessitando ir além de um panorama visual. Embora a leitura visual seja um fator primordial para a análise desta categoria, sua interpretação de forma mais ampla requer a utilização dos diversos sentidos humanos, ou seja, levando em consideração: movimentos, sons, odores, dentre outros elementos que integram a experiência sensorial da paisagem.

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos Capitães da Areia (Amado, [1937] 2009, p. 10).

Logo nas primeiras páginas da obra, em uma manchete intitulada “Crianças Ladronas”, o jornal popular apresenta não apenas o delito cometido pelos capitães da areia, assim como o bairro da Vitória, um dos espaços mais aprazíveis da cidade de Salvador-BA.

Através do excerto, e nas demais vezes em que o espaço é apresentado, a descrição da paisagem como sendo “rica”, “sofisticada” e “tranquila” revela o significado social que a referida localidade possui.

Ao destacar a opulência e beleza da residência do Comendador, Jorge Amado não apenas evidencia a paisagem de um bairro nobre, mas o utiliza como símbolo da prosperidade em que se encontra a classe alta da cidade. A descrição da paisagem destaca a divisão e disparidade entre as crianças de rua, daqueles que ali moram, assim como as tensões sociais que permeiam a narrativa.

De onde estão podem ver o Mercado e o cais dos saveiros e mesmo o velho trapiche onde dormem. Pedro Bala se recosta no muro da ladeira e diz ao Professor:

— Tu devia fazer uma pintura disto... é porreta.

A fisionomia do Professor se fecha:

— Eu sei que nunca há de ser...

— Quê? — Tem vez que me topo pensando...

— E Professor mira o cais lá embaixo, os saveiros parecendo brinquedos, os homens miúdos carregando sacos nas costas. Continua com a voz áspera como se alguém o tivesse batido:
— Eu penso fazer um dia um bocado de pintura daqui...
— ...mas nunca pode ser um troço alegre, não...
— Por quê? — Pedro Bala está espantado.
— Tu não vê que tudo é mesmo uma beleza? Tudo alegre... Pedro Bala apontou os telhados da Cidade Baixa: — Tem mais cores que o arco-íris...
— É mesmo... Mas tu espia os homem, tá tudo triste. Não tou falando dos rico. Tu sabe. Falo dos outros, das das docas, do mercado. Tu sabe... Tudo com cara de fome, eu nem sei dizer. É um troço que sinto... (Amado, [1937] 2009, p. 132).

Essa passagem nos remete ao que é dito por Silva (2016). A autora busca direcionar a análise da paisagem não apenas à aparência, isto é, aquilo que se mostra enquanto forma. A paisagem é material, todavia, repleta de conteúdo social, que confere a ela uma dimensão imaterial, abstrata (Silva, 2016).

O trecho acima permite uma visão mais ampla da paisagem, possibilitando interpretar suas múltiplas camadas de significados. O diálogo estabelecido entre as personagens revela a essência de uma paisagem bela e, ao mesmo tempo, triste. Demonstrando que a análise da paisagem vai além da sua configuração física, abrangendo igualmente aspectos socioeconômicos e culturais.

O cenário em que se desenvolve a respectiva passagem é a Cidade Baixa, vista da parte alta da cidade de Salvador, onde é possível ver o cais, a doca e o mercado; espaços que se voltam para o trabalho marítimo e, conseqüentemente, ocupado por uma população mais pobre. Nesse sentido, o receio da personagem [Professor] em produzir uma pintura do que está a sua frente, indica que as pessoas que ali vivem e trabalham, lutam pela sua sobrevivência e que as suas “caras de fome” revelam uma vida de luta e miséria. Assim, a paisagem física que se revela nas múltiplas cores é ofuscada por uma análise que vai além do campo visual.

O **território** faz parte dos conceitos essenciais da geografia. Sua concepção é comumente atribuída às superfícies terrestres, ou seja, áreas que se dividem por meio de fronteiras, em que se manifesta o domínio e poder.

Por essa razão, e, por apresentar-se como base física do Estado, seu conceito é, em geral, associado a este. Sendo as divisões administrativas (nas suas diferentes escalas) de maior associação. No entanto, assim como aponta Silva (2016), não se deve somente compreender o território enquanto demarcação física, e sim como produto dinâmico, que possui suas complexidades e significâncias, em decorrência da sua história de evolução. Existem muitas

territorialidades, podendo o território ser entendido enquanto espaço de identidade, habitado, de abrigo, ocupação, entre outras (Moraes; Callai, 2020, p. 323).

Por meio das relações de poder e nas lutas pelo território é que se compreende o mesmo enquanto espaço de resistência. Essa luta e resistência pelo território parte, essencialmente, de grupos de excluídos e marginalizados, que fazem parte e, ao mesmo tempo, são excluídos da sociedade (Raffestin, 1993). É apresentado por Raffestin (1993, p. 188) tal paradoxo:

De fato, o proletariado é indispensável na instauração do poderio econômico, e, portanto, contribui para a unidade econômica fundadora da centralidade moderna, mas ao mesmo tempo ele deve ser rejeitado e, eventualmente, deve perecer. “Rejeitado” ele é, como vítima mandada para a periferia, para as margens. E é essa rejeição que institui a marginalidade. Centralidade e marginalidade se definem uma em relação a outra e são especificamente relacionais, ou seja, podem se inverter no território, sem que o mecanismo seja questionado: a centralidade pode se tornar marginalidade e vice-versa, num dado lugar.

Reflexões como essa denotam a importância da percepção social do território, uma vez que a luta de classe e as disparidades econômicas refletem em um campo simbólico, onde grupos sociais expressam resistência ou desafiam a ordem estabelecida.

Em toda a obra literária, Amado coloca em relevo a segregação socioespacial e a divergência entre áreas privilegiadas e marginalizadas, que se divergem economicamente e socialmente. A divisão do espaço romanesco entre a “Cidade Alta” e “Cidade Baixa” cria a ideia de uma “cidade dos ricos” e a “cidade dos pobres”.

Lá em cima, na Cidade Alta, os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o reformatório, que era pior que as prisões. Lá embaixo, nas docas, João de Adão queria acabar com os ricos, fazer tudo igual, dar escola aos meninos. (Amado, [1937] 2009, p. 108).

Fragmentos como o destacado acima revelam uma disputa daqueles que habitam cada espaço. Nesse sentido, o conceito de território pode ser compreendido mediante a percepção, assim como amparado por Raffestin (1993), da resistência estabelecida pelos personagens. Marca-se um território de resistência ao passo em que os grupos de excluídos, marginalizados pela sociedade, a qual insere os Capitães da Areia, se opõem aqueles que os menosprezam. As pequenas ações dos meninos de rua equivalem a uma força contrária à sua exclusão e omissão do Estado. Logo, cria-se um espaço simbólico onde a luta contra as injustiças é conduzida com determinação.

Além dessa abordagem, o conceito de território pode ser apreendido a partir da análise das funções atribuídas ao longo do tempo ao Trapiche, lugar evidenciado regularmente no texto literário.

Hoje à noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais. (Amado, [1937] 2009, p. 25).

Durante anos foi [Trapiche] povoado exclusivamente pelos ratos que aí atravessavam em corridas brincalhonas, que rolam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos [...] até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado. (Amado, [1937] 2009, p. 25).

O processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que ocorre no Trapiche revela o conceito dinâmico de território. O Trapiche, de início, enquanto espaço físico destinado ao armazenamento de cargas, marca as relações de poder estabelecidas pelo embarque e desembarque daqueles que lá trabalhavam. Essa ligação marca a territorialização do espaço. Como apresentado no trecho anterior, o cais passa pelo processo de inundação ao encher-se de areia, resultando na perda de seu uso enquanto armazém, estabelecendo o fim do território, isto é, o processo de desterritorialização. Dessa maneira, passou a ter uma nova função à medida em que os Capitães da Areia se apropriam desse espaço, estabelecendo novas conexões após um período de desvinculação.

O conceito de **lugar** vai além da sua localização geográfica, engloba as relações e interações do indivíduo com o ambiente. Tal categoria liga-se a um conjunto de experiências subjetivas estabelecidas pelo indivíduo com o seu espaço de vivência.

O lugar torna-se conceito central ao representar uma porção do espaço que possui significados particulares, sendo eles atribuídos pelo próprio indivíduo ou comunidade, assim como destaca Callai (2005). A autora ainda compreende o lugar como sendo um espaço carregado de valores simbólicos e experiências humanas.

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (Carlos, 2007, *apud* D'ávila, 2018, p. 25).

Nesse sentido, é nele que se desenvolve a vida, as atividades cotidianas, das relações interpessoais, vinculadas ao dia a dia, estando, na maioria das vezes, ligado aos sentimentos de identidade, afetividade e pertencimento.

Para Santos (1988), “[...] cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra”, apesar dos lugares possuírem características em comum, eles não deixam de ser únicos, pois são repletos de elementos que os diferenciam. As combinações entre os aspectos sociais, culturais, políticos e físicos fazem com que exista essa individualização.

A chuva entrava pelos buracos do teto, a maior parte dos meninos se amontoavam nos cantos onde ainda havia telhado [...]. Nestas noites de chuva eles não podiam dormir. De quando em vez a luz de um relâmpago iluminava o trapiche e então se viam as caras magras e sujas dos Capitães da Areia. (Amado, [1937] 2009, p. 95).

Ainda em torno do Trapiche, após o processo de reterritorialização, esse espaço passa a existir enquanto lugar de vivência, ao passo em que o grupo o tem como um estratégico lugar para se abrigar. Ainda que esteja em condições precárias, os capitães da areia não só estabelecem a vivência com o lugar, como é nele que as relações de amizade e afetividade entre os meninos afloram, possibilitando trabalhar o conceito a partir dessa perspectiva.

O conceito de lugar também poderá ser introduzido a partir da cidade em que a história se desenrola, Salvador, ou como é titulada pelas personagens, Cidade da Bahia. A narrativa traz percepções e sentimentos variados das crianças com a cidade, pois, ao mesmo tempo que é nela que se estabelece a liberdade das ruas e dos seus momentos de aventuras, é nela que os meninos enfrentam as dificuldades e violências.

Gostava de andar ao léu nas ruas da cidade [Boa-Vida], entrando nos jardins para fumar um cigarro sentado num banco, entrando nas igrejas para espiar a beleza do ouro velho, flanando pelas ruas calçadas de grandes pedras negras. (Amado, [1937] 2009, p. 70).

Seu coração estava cheio de ódio [Sem-Pernas]. Confusamente desejava ter uma bomba que arrasasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares. Assim ficaria alegre. (Amado, [1937] 2009, p. 37).

Essa dúbia relação pode ser visualizada através desses dois trechos. Em uma primeira percepção, os garotos de rua conhecem minuciosamente os labirintos da cidade, fazendo com que se estabeleça um sentimento de pertencimento e posse. Jorge Amado, em muitos momentos, os intitula como donos da cidade, pois existe uma estrita relação de troca.

Entretanto, os capitães da areia também alimentam sentimentos negativos, a raiva que se instaura é resultado de uma vida pautada na miséria, na marginalização e na repressão policial. É na cidade que eles enfrentam todos esses problemas, refletindo diretamente na percepção do lugar. Logo, podendo um mesmo lugar produzir sentimentos variados em diferentes pessoas.

3.2 Proposta pedagógica

OBSERVAÇÕES GERAIS

- Mediante a etapa de planejamento e ampliação dos estudos acerca da obra literária, fica a cargo do professor decidir trabalhar com o texto completo ou com trechos selecionados.
- Outro aspecto que pode ser levado em consideração é o filme *Capitães de Areia* (2011), dirigido por Cecília Amado. Entende-se que, ao incluir um elemento visual, acarretará em uma maior adesão dos alunos à temática. Dessa forma, poderá ser atribuído como uma atividade para casa ou reproduzido em sala, se assim desejar o professor.
- A obra deve servir como ponte para trabalhar não apenas as categorias geográficas, mas o contexto do espaço de vivência dos estudantes, visto que essa conexão torna-se basilar para a educação geográfica.

PROPOSTA

Tema: Categorias Geográficas.

Turma: 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

Objetivos: Geral – construir conhecimentos acerca das categorias de análise da geografia, entendendo a organização espacial e a dinâmica de interação entre todas elas.

Específicos - estudar o conceito de espaço geográfico correlacionando a realidade espacial da obra *Capitães da Areia*; conhecer as categorias de análise da geografia a partir da textualidade da obra; explorar a relação do aluno com os espaços de vivência.

Habilidade BNCC: (EM13CHS206) Compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros, relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.



A proposta só deverá ser iniciada após: 1 – apresentado os objetivos à turma; 2 – investigado os elementos a respeito da construção do livro; 3- concluída a leitura no tempo previamente estabelecido pelo professor e a turma (se a escolha for pela leitura integral da obra). Dessa forma, é possível iniciar as atividades.

Esperando alcançar os objetivos apresentados, estruturamos a sequência de atividades em aproximadamente 8 horas/aulas, divididas em 10 (dez) momentos de 50 min/aula cada. Vejamos, a seguir, a estruturação de cada um.

Primeiro momento: integrar o espaço romanesco ao conceito de espaço geográfico.

Tempo: 3 aulas/50 min.

De início, o professor deverá introduzir a aula indagando os alunos a respeito da leitura realizada e as informações marcantes que capturaram sua atenção. Esse momento permite que as impressões sejam compartilhadas, mediante as considerações gerais concebidas pelos alunos acerca da obra de Jorge Amado. Partindo das questões levantadas é possível analisar o direcionamento de uma leitura crítica, ou não, das temáticas que se inserem na narrativa.

A investigação deve se encaminhar, nesse primeiro momento, a ambientação do romance, ou seja, ao palco das ações das personagens. Logo, deverá ser discutidos pontos como:

- Espaço Urbano – é uma narrativa que mergulha nas intrincadas relações sociais e econômicas da cidade de Salvador-BA.
- A cidade enquanto personagem central – pois não se restringem apenas a um meio de localização, mas como uma personagem ativa, moldando o destino e as experiências dos protagonistas.
- Subjetividade artística – a cidade enquanto fruto da subjetividade do autor, que por meio das suas experiências com o espaço real, cria uma cidade simbólica e não uma projeção fidedigna.

O(a) professor(a) terá que apresentar por meio de um recurso de projeção ou impressão um quadro que evidencie os espaços da cidade, assim como no modelo da página a seguir (figura 01).

Figura 01 – Quadro para exploração dos espaços romanescos



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Partindo da mediação docente, os alunos deverão ser desafiados a expor suas ideias e emoções acerca de cada um, apresentando informações, características ou trechos fichados. Os estudantes poderão recordar as relações das personagens com espaços específicos; assim como as circunstâncias ou momentos que evidenciem o significado de cada um desses ambientes. A caracterização deve ocorrer de maneira colaborativa, à medida que forem surgindo as impressões da turma, podendo ainda haver semelhanças ou diferenças na percepção do caráter atribuído por cada aluno aos espaços.

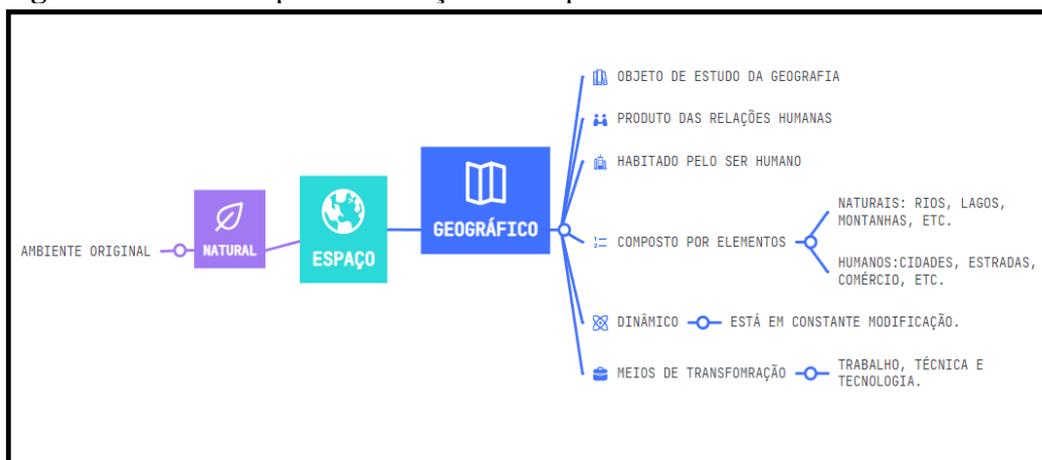


Nesse momento, é importante levar aos alunos a compreensão de que a leitura é, acima de tudo, uma atividade prazerosa e acessível a todos, sem distinção.

Para explorar as categorias referenciadas, é importante que o aluno não apenas identifique, mas também compreendam o conceito de espaço geográfico. Com essa finalidade, recomenda-se que o professor, após conduzir a atividade relacionada aos diferentes espaços presentes no romance, avance introduzindo a conceituação da categoria “guarda-chuva”.

Nesse momento, após a completa exposição do conceito, sugere-se a sistematização, posicionando o termo ESPAÇO no centro do quadro, distribuindo ao redor as observações dos alunos na forma de palavras-chave ou breves descrições, formando um mapa mental, conforme ilustrado na figura 02.

Figura 02 – Modelo para elaboração do mapa mental



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Considerando a consolidação do entendimento do espaço geográfico, o professor ou a professora deverá prosseguir com as atividades e, em uma etapa subsequente, abordar a derivação dos demais conceitos.

Segundo momento: trabalhar o conceito de Paisagem, Território e Lugar.

Tempo: 3 aulas/50 min.

Pensando no letramento geográfico, explorar as demais categorias possibilitará a expansão do raciocínio espacial dos estudantes. Dessa forma, não apenas estarão familiarizados com o conceito geral, mas também sua integração e enriquecerão sua visão e organização em relação ao espaço.



Trabalhar os conceitos de forma individual não resulta em uma análise fragmentada; durante as aulas, é crucial destacar a inter-relação dessas categorias na promoção de uma compreensão espacial abrangente.

A utilização de trechos da obra servirá como facilitador para a abordagem da temática. Quanto à forma de trabalhá-las, é recomendado a utilização de projeção de slides. No processo de conceituação das categorias, recomendamos que o(a) professor(a) as relacione com os enxertos previamente selecionados. Além disso, recomenda-se a utilização de imagens para auxiliar na compreensão do conteúdo.



O(a) professor(a) precisará realizar uma leitura atenta! Produzindo fichamentos e selecionando trechos que melhor imprimam a relação dos espaços com as categorias trabalhadas.

A título de exemplo, os conceitos podem ser compreendidos/contextualizados em sala de aula a partir da associação com os trechos explorados na seção 3 deste trabalho. Mas que, por limitação de páginas, não abrange as múltiplas possibilidades de associações.

Além disso, é necessário levar em consideração esses aspectos durante a investigação dos conceitos:

- **Paisagem:** multidimensional, pois abrange aspectos físicos, humanos e suas interações; dinâmica, já que evolui ao longo do tempo; percepção e subjetividade, percebida e interpretada de acordo com as experiências individuais.
- **Território:** soberania e controle, pois indica uma delimitação espacial com seu próprio controle e administração (seja físico ou simbólico); conflitos territoriais, em razão de ser um objeto de disputas ou espaço de resistência; Identidade e cultura, uma vez que expressa elementos culturais de uma comunidade (língua, costume, tradições).
- **Lugar:** uso e apropriação do espaço, visto que é resultado de diferentes apropriações; cotidiano, porque é o espaço do dia a dia; Identidade e pertencimento, possui identidade única de acordo com os laços criados pelos habitantes.

Para além dos conceitos, é possível trabalhar outros assuntos que estão intrinsecamente associados (levando em consideração a narrativa do livro estudado), assim como pode ser observado no quadro 01.

Quadro 01 – Sugestões de conteúdos

Conceitos orientadores	Conteúdos relacionados
Paisagem, Território e Lugar	Agentes sociais na produção do espaço urbano, periferização e segregação socioespacial, desigualdade social, luta de classes, o tema da greve, dentre outros.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Terceiro momento: abordar o espaço de vivência dos educandos.

Tempo: 2 aulas/50 min.

Após as discussões sobre a representação espacial do romance e as análises das categorias geográficas, torna-se necessário estabelecer uma conexão entre esse projeto à realidade espacial dos alunos, ou seja, aos ambientes que fazem parte do seu cotidiano.

Cabe ao(à) professor(a) selecionar o espaço que melhor se adequa a esse momento. Para tanto, a proposta recomenda como referência a cidade onde a escola está localizada. Nesse sentido, poderá ser abordado aspectos como a história, sítio urbano, aspectos físicos, sociais e econômicos, e outras particularidades pertinentes; permitindo-lhes a oportunidade de analisar o contexto em que está inserido e a sua relação com os espaços públicos e privados.

A obra literária selecionada tem o seu caráter denunciativo, abordando as negligências das crianças em relação às problemáticas que cercam o espaço vivido. O modo de vida urbano é retratado a partir daqueles que lutam pelo acesso à cidade, à saúde, à educação e à renda, que vivem em condições de abandono e da extrema pobreza.

Assim sendo, o professor deverá focar na formação cidadã dos alunos. Conscientizá-los acerca da importância do exercício da cidadania, sobre seus direitos e deveres como cidadãos, mas também incentivá-los a compreender e analisar as problemáticas que afetam suas comunidades e a sociedade em geral.



Por estar trabalhando com a cidade sede da escola, não impede que os alunos associem as discussões aos seus espaços de vivência, se por ventura residirem em outra cidade. Podendo a escola, enquanto ambiente onde passam boa parte do tempo, servir como um espaço de referência oportuno.

Ao final, o professor fornecerá instruções sobre a atividade que os alunos realizarão e apresentarão no momento seguinte. Nessa ocasião, será apresentada a proposta de produção de histórias em quadrinhos (HQs), contos ou jornais.

Orientados a trabalhar em grupos, a proposta estimula a expressão criativa dos alunos. A construção das narrativas, seja em qualquer um dos gêneros literários, permitirá que eles trabalhem com seu espaço de vivência, podendo servir como suporte para elaboração de temáticas.

Os alunos devem ser guiados a perceber que, da mesma forma que Jorge Amado fez em seu romance Capitães da Areia, os espaços (da estória) poderão ser simbolizados a partir dos significados aprendidos por meio das suas vivências.

Quanto ao gênero Jornalístico, os estudantes podem se dedicar à pesquisa de questões relacionadas à sua realidade local, capturando imagens que identifiquem problemáticas. Assim,

poderão elaborar reportagens, apresentando suas denúncias e aguçando seu olhar crítico em relação às circunstâncias que os envolvem.

Quarto momento: sistematização e apresentação dos resultados.

Tempo: 2 aulas/50 min.

A proposta reserva seu último momento para a apresentação e exposição dos trabalhos realizados pelos alunos. Durante essas apresentações, os alunos terão a oportunidade de compartilhar a narrativa criada e o contexto espacial em que ela está inserida. É essencial que todos os grupos compartilhem seu material para que os demais participantes possam desfrutar das contribuições de cada um.

Essa prática não apenas promoverá um ambiente de aprendizado coletivo, mas também proporcionará uma experiência mais abrangente ao explorar e apreciar as contribuições únicas de cada grupo. Um outro ponto que pode ser levado em consideração é a exposição do material em toda a escola a fim de compartilhar com os demais os textos e conteúdos produzidos pela turma.

AVALIAÇÃO

A avaliação abrange todos os processos da proposta didática, considerando o comprometimento do aluno com o programa de tarefas, sua desenvoltura e habilidades de leitura, análise e interpretação, além da participação na construção de conhecimentos em sala de aula. Destaca-se a importância das apresentações finais, onde os alunos expõem suas produções. Nesse momento de interação, o(a) professor(a) avaliará a qualidade das ideias, do material e o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Processual e contínua, sem se limitar, portanto, ao momento final da proposta, a avaliação deve ser pensada enquanto suporte que visa auxiliar o aluno no desenvolvimento de suas capacidades e habilidades, assim como ressaltado por Libâneo (1990), ao abordar a função formativa da avaliação. O autor, ao discutir a prática de avaliação, destaca a importância de encará-la como um instrumento que propicie apoio contínuo ao estudante, afastando-se de sua predominante função de controle (Libâneo, 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho realça a interseção entre os textos literários e os conceitos geográficos, adotando uma perspectiva interdisciplinar. Para tal fim, construímos um diálogo entre Geografia e Literatura, a fim de promover uma abordagem integrada dos conceitos e, concomitantemente, incentivar uma participação ativa dos alunos no tratamento dessas ideias.

Diante disso, consideramos que os objetivos deste trabalho foram alcançados, visto que construímos análises das categorias geográficas atrelando a textualidade do livro *Capitães da Areia*, e como, eventualmente, ele pode ser trabalhado em sala de aula. Nesse sentido, ressaltamos que a obra trabalhada se apresenta como fonte de estímulo para o raciocínio espacial, efetivamente contribuindo para o letramento geográfico.

É possível aprender e ensinar Geografia tendo como base textos literários. Eles contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina na medida em que é pensado enquanto reflexo das relações sociais na produção do espaço geográfico, possibilitando aos educandos a assimilação e estabelecendo vínculos significativos com seus espaços de vivência.

Assim, tal interação entre campos que se complementam pode ser explorada e utilizada como fonte de problematização em sala de aula, contribuindo para a formação do pensamento reflexivo e crítico do aluno. Isso, por sua vez, capacitando-o a agir de maneira consciente enquanto cidadão.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BARBOSA, Maria E. S. **A Geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades**. Uberlândia: Revista de Ensino de Geografia, 2016.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/Lei número 9.394**, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, 2005. p. 227-247.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CAVALCANTI, Lana Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: alternativa, 2002.

D'ÁVILA, F. M. **Os conceitos geográficos de lugar e paisagem em livros de literatura infantil e juvenil catarinense**. (Graduação) – Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

FUNI, L. L.; MELLO, M. C. O. **A importância dos conceitos no ensino de geografia – do discurso científico ao escolar: um caminhar da região ao território**. São Paulo: CEPFE, 2016.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer, SCHWARCS, Lilia Moritz (Orgs.). **Caderno de leituras; o universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JAMBEIRO, Othon *et al.* **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **A avaliação Escolar**. In: LIBÂNEO, José Carlos **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1990. p. 195-220.

LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista**, 2007, p. 23-35.

MIRANDA, M. C. M.; BASTOS, F. R. A. Educação para a cidadania global: estudo de caso interdisciplinar em sala de aula. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 1, p. 248-264, 2019.

MORAES, M. M.; CALLAI, H. C. A educação geográfica numa perspectiva de interdisciplinaridade: literatura e geografia. **Revista Geosaberes: Fortaleza**, v. 11, p. 318-333, 2020.

NASCIMENTO, Julia Riechelmann *et al.* **Análise Semiótica da Linguagem Literária e Cinematográfica de Capitães da Areia**. São Paulo: Leopoldianum, 2019.

PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia e pedagogos escolares**. São Paulo: USP, 2006.

PONTUSCHIKA, N. N. *et al.* **Para Ensinar e Aprender Geografia – 3. ed.** São Paulo: Cortez, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. Nodosidade, centralidade e marginalidade. São Paulo: Ática, 1993. Cap. 3 p. 186-199.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo/Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Vânia Regina Jorge da. Os conceitos geográficos e sua importância na formação do professor para uma didática escolar. **Revista Digital Simonsen**. Rio de Janeiro, n.4, 2016.

WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Luís Carlos Borges; revisão da tradução Silvana Vieira; revisão técnica Valter Lellis Siqueira. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.